

LINGUAGEM E EMOÇÕES

Marinalva VIEIRA BARBOSA¹

RESUMO: Neste artigo, o objetivo será tecer algumas reflexões sobre a problemática de pôr as emoções como objeto de interesse dos estudos da linguagem. Especificamente, focalizarei a questão da circunscrição do universo patêmico e dos traços linguísticos das emoções. O estudo desenvolve-se em torno de discursos de professores e alunos do Ensino Fundamental e Médio. A base teórica é derivada das concepções de sujeito e linguagem defendidas por Bakhtin (1976 [1926]; 1995 [1929a]; 1997 [1929b]) e dos estudos desenvolvidos por Plantin (2003; 2004) e Plantin et al (2000).

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Sentidos. Emoções.

Introdução

As emoções podem ser objeto de interesse dos estudos da linguagem? Por vias teóricas diferentes, acompanho Charaudeau (2000) na resposta afirmativa para tal questão. Ainda o sigo na defesa de que a resposta precisa ser cercada de um quadro teórico que descreva as condições em que podem aparecer como elemento de linguagem, pois estudos como os desenvolvidos por Plantin (2003), visando a construir formas de abordagens da emoção falada e da fala emocionada demonstram que a abordagem discursiva do tema ainda exige construções tanto do objeto como do campo teórico e metodológico de sustentação. Nos estudos da linguagem, ainda é difícil estabelecer diferenciação entre “a expressão de emoção (as marcas de afetividade na linguagem) e os patêmicos ou os elementos suscetíveis de provocar emoção no alocutário” (AMOSSY, 2006, p. 197).²

Neste artigo, tratarei da questão da categorização semântica do universo patêmico e da circunscrição dos traços linguísticos das emoções (e os

1 Pós-doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Unicamp, Campinas, São Paulo, Brasil. marinalvav@gmail.com

2 “l’expression de l’émotion (les marques de l’affectivité dans le langage) et les pathèmes ou éléments susceptibles de créer l’émotion chez l’allocutaire”.

seus possíveis efeitos de sentidos). A base teórica deste estudo é derivada das concepções de sujeito e linguagem defendidas por Bakhtin (1976 [1926]; 1995 [1929a]; 1997 [1929b]) e dos estudos desenvolvidos por Plantin (2003; 2004) e Plantin et al (2000). Para desenvolver as análises, tomo como base discursos produzidos por alunos e professores nas interações em sala de aula. O que defino como “discurso de emoção” é o resultado dos esforços empreendidos por ambos para se contraporem aos temas e posicionamentos de seus interlocutores imediatos nas interações. A seleção do *corpus* para estudo é baseada na concepção de paradigma indiciário proposta por Ginzburg (1999), que permite, no trabalho com os atos de linguagem, conceber sujeitos cujo discurso não se perde ou se explica por meio da eleição de traços generalizantes de pertencimento a uma comunidade (neste caso, a comunidade de professor ou de aluno), mas também não são atos absolutamente singulares e, por isso, sem relação com outros discursos. A definição do *corpus* indiciário depende da inter-relação entre pequenos acontecimentos.

Sobre a circunscrição linguística

A maioria dos trabalhos (dos poucos!) que discute a inscrição do afetivo na linguagem volta-se para a necessidade de definir o aspecto linguístico das emoções por ser esta uma questão de difícil solução. Engelmann (1978), ao fazer uma revisão das variações semânticas das palavras e conceitos ligados ao campo das emoções, dos sentimentos, das paixões, em idiomas como o francês, inglês, alemão, italiano e português, afirma que há uma dificuldade muito grande em construir uma dimensão linguística para as emoções. Nas palavras do autor, “Queríamos delimitar o universo e explicitar os usos do ou dos termos para rotular esse universo. Fomos frustrados com relação a essa expectativa” (p. 38).

Eggs (2000), ao defender a relevância e a atualidade da Retórica das Paixões, assinala que todas as emoções, atitudes, os bons e maus hábitos, as manifestações feias e belas são lexicalizados e gramaticalizados em uma multiplicidade de palavras, torneios e construções enunciativas que surgem por meio de uma determinada forma de organização do discurso de emoção. Plantin (2003) complementa essa concepção ao defender que há uma estruturação do emotivo na língua cuja materialização é possível de ser identificada nas formas de organização do discurso. Tais afirmações autorizam um estudo

discursivo das emoções a partir da perspectiva de que o componente afetivo tem uma face linguística que pode ser apreendida se colocarmos o próprio processo de constituição do discurso como base.

Focalizar a organização linguística das emoções não responde à necessidade de identificar as experiências subjetivas dos sujeitos objetivadas no léxico ou nos enunciados de caráter afetivo. O objetivo é considerar termos linguísticos arregimentados como estratégias para melhor construir o projeto de dizer de ordem emotiva.

Para analisar o discurso de emoção focalizando sua estruturação, Plantin (2003) propõe, com base na consideração de elementos lexicais, uma estrutura sintática para o que denomina *enunciados de emoção*. Este recebe a seguinte definição: “o enunciado de emoção atribui uma emoção a uma pessoa [seja ela o próprio locutor ou o interlocutor] e, em certos casos, menciona a fonte da emoção” (p. 108).³ Pela conceitualização apresentada, a declaração “eu estou triste porque minha amiga partiu” pode ser caracterizada como enunciado de emoção porque apresenta um sujeito que enuncia sua tristeza (lugar psicológico marcado por um substantivo subjetivo) e localiza a fonte dessa emoção (a partida da amiga). Os três elementos identificadores são: quem fala (se é o sujeito ou não das emoções), o que fala e porque fala.

Na afirmação “Eu vou perder a paciência com você logo no começo da aula”, o que permite caracterizar o enunciado de emoção é o sintagma “perder a paciência”, que se sustenta na declaração de um estado subjetivo afetivo. E não só os termos de nomeação principais, mas também os seus derivados morfolexicais (vergonha → vergonhoso, envergonhado) são considerados para definir os enunciados de emoção. A consideração dos derivados sustenta-se na concepção de que não é necessário, nos estudos do discurso, construir categorias linguísticas que deem respostas precisas às categorias de emoções. Neste estudo, a definição do que seja um termo de emoção não se sustentará somente na consideração de elementos linguísticos já reconhecidos como pertencentes ao campo semântico das emoções. Haverá distensão porque muitos enunciados serão definidos como tais pelo seu funcionamento discursivo. Isso pode fazer com que um léxico, embora não classificado semanticamente como de emoções, seja a base para a definição de um enunciado de emoção porque carregado de sentidos afetivos ou porque pode provocar/atribuir esses

3 “l’*énoncé d’émotion* attribue une *émotion* à une personne et, dans certains cas, mentionne la source de l’*émotion*”.

sentidos no outro e ao outro. E não se trata de um tipo de análise que transforma a linguagem num domínio puro e simples da subjetividade, mas, sim, da consideração de determinados aspectos discursivos que permitem afirmar que um recurso linguístico específico, dependendo dos objetivos do discurso e das circunstâncias em que é usado, pode produzir efeitos de emoção.

Ainda sobre a organização dos enunciados, a mudança do sujeito das emoções muda o estatuto estrutural do enunciado. Na afirmação “ela é uma pessoa que provoca tristeza”, “ela” é posta como a fonte geradora da emoção, o locutor e, por empatia, o interlocutor são os sujeitos do sentimento. Essa noção explica as atribuições indiretas de emoção, feitas cotidianamente como no caso do enunciado “Ele ficou vermelho professora”. O termo de emoção remete à leitura que o locutor faz das ações do interlocutor. A estruturação dos termos e enunciados de emoção obedece aos direcionamentos e objetivos do discurso. Sua organização linguística põe o enunciador no lugar de avaliador, pois, trabalhando com o que lhe é dado pelo campo do visível e pelo que é enunciado pelo outro, organiza o discurso envolvendo recursos verbais e extraverbais. Tal organização pode indicar solidariedade pela assunção da posição de empatia ou pode indicar rejeição, esta marcada, por exemplo, pela ironia. Por meio do trabalho com o linguístico, os interlocutores se relocalizam, excluem e incluem a si mesmos e ao interlocutor no jogo interlocutivo. A seleção de um elemento linguístico e não de outro aponta para um trabalho não aleatório; ao contrário, é resultado das percepções avaliativo-afetivas, direcionadas ao objeto e/ou ao outro sujeito.

A localização dos enunciados com base em termos ou palavras pertencentes ou não ao universo semântico das emoções não implicará a afirmação de que, embora descreva uma emoção, o sujeito esteja emocionado ou então que o discurso produzirá efeitos de sentidos emotivos. Tendo por referência o que diz Ducrot (1984) sobre a orientação argumentativa, a orientação dos sentidos afetivos de um termo ou palavra pode mudar, quer seja para não produzir efeitos de emoção ou para produzir, de acordo com as orientações e objetivos do discurso. Essa flexibilidade leva Plantin (2003) a propor que também existem os termos indiretos de emoção, derivados de enunciados que não comportam palavras que remetam diretamente ao campo semântico das emoções, mas que são suscetíveis de provocar e/ou conotar efeitos afetivos. Isso ocorre sobretudo quando se conhece a situação enunciativa, pois é o tema que define o caráter afetivo ou não. Exemplificam essa questão os efeitos de

sentidos produzidos pelas pequenas palavras e diminutivos usados pelos professores para responder às ações dos alunos.⁴

Assim, no que tange à dimensão linguística, a hipótese assumida é o de que a língua constitutiva do discurso de emoção é uma sistematização aberta, formada com base nas “ações do sujeito sobre a linguagem”. Esse trabalho é responsável por deslocamentos nos sistemas de referências da língua, produzindo com isso certa novidade não só em termos de sentidos afetivos como também em referência ao uso dos termos linguísticos (GERALDI, 1991). Os deslocamentos serão fundamentais para compreender os sentidos do discurso e, sobretudo, a relação sujeito e discurso de emoção. Conseqüentemente, o que será apresentado a seguir como a dimensão linguística do discurso não pretende ser um modelo, mas condições de possibilidades para a inscrição do afetivo na língua.

Abrindo parêntese para análise

A necessidade de especificar o termo linguístico afetivo

Para justificar o posicionamento assumido acima, desenvolverei a análise de uma pequena sequência discursiva, resultante de uma situação de interação entre professores e alunos, em que as palavras “surpresa” e “perplexidade” aparecem para definir a reação do locutor diante das ações dos seus interlocutores. Nas definições dicionarizadas, essas duas palavras, quando adjetivos, são dadas como sinônimos. Isto é, qualificam o mesmo estado de emoção de uma pessoa diante de um acontecimento inesperado. Numa possível semântica das emoções, seriam sinonímias. Por essa indiferenciação, o uso de um termo ou de outro seria simples paráfrase para melhor clarear os sentidos do discurso, já que não há distinção entre as duas palavras no plano conceitual. No entanto, na sequência abaixo, situação em que o sujeito do discurso atribui-se uma emoção para responder aos seus interlocutores, podemos constatar que, se essas palavras podem funcionar como sinônimos perfeitos, existem situações em que apresentam empregos específicos que mudam a sua significação não permitindo tratá-las como termos que remetem ao mesmo estado afetivo. Vejamos:

4 O termo “pequenas palavras” aparece neste trabalho em uma filiação indireta aos estudos desenvolvidos por Bouchard (2000), para definir e tratar do caráter afetivo das expressões “muito bem”, “é isso mesmo” e do pronome relativo “isso”. Este texto não foi citado nas referências.

A7SEF

		[...]
01	A1	professo::ra/ hoje nosso grupo vai ver um
02		filme pra aula de geografia
03	P	(...) não/ eu preciso admitir que estou
04		surpresa (.) não/ perplexa MESMO(.) to::do
05		dia: têm uma historia nova pra não ficar
06		na aula de português (.) não dá pra
07		negar que vocês são criativos
08	A1	i::h p'ofessora\ foi a p'ofessora de
09		geografia que passou o filme
10	P	eu sei:::/ mas vocês não podem ver o filme
11		no'tro horário// (..) tem que ser sempre
12		na minha aula// (.)
13	A2	((rindo)) é:h que a gente não tem tempo
14	P	e com a cara de pau também/ (.) L/ você
15		sabe que essa historia me deixa mais
16		irritada ainda/(.)você já pensou na confusão
17		se eu resolvesse atender a falta de tempo de
18		todo aluno que me pede//
		[...]

A enumeração, que pode ser vista como necessidade de clarear os sentidos do primeiro termo, no caso acima é um importante indício de que a distinção remete à preocupação do locutor em precisar para o interlocutor a dimensão crescente dos seus sentimentos diante das ações deste. Ou seja, a necessidade de configurar o grau de força, de progressão do sentimento enunciado é o elemento que não permite o estabelecimento de uma relação tranquila de sinonímia entre os dois termos. Trata-se de um discurso que segue o movimento imposto pelo grau de inventividade dos interlocutores, daí o enunciado irônico de que “não dá pra negar que vocês são criativos”. “Surpresa” e “perplexa” não foram enumerados por causa da preocupação em fazer o locutor compreender o que estava sendo nomeado, mas, sim, visando a fazê-lo compreender a dimensão da força das suas (re)ações. Ou a dimensão de como estavam sendo recebidas. Tanto que há simetria crescente entre “estou surpresa (.) não/ perplexa MESMO” e a afirmação seguinte: “to::do dia: têm uma história nova pra não ficar na aula de português”. A surpresa mudou para perplexidade na medida em que as estratégias dos interlocutores

se renovaram para atingir sempre o mesmo objetivo: não assistir à aula de língua portuguesa.

Se consideramos a vizinhança entre os termos linguísticos, o uso do “não” para negar a primeira definição e a contiguidade do intensificador “mesmo” corroboram com a hipótese de que o sentido de perplexa não é o mesmo que o de surpresa. Há um trabalho com a “intenção” de fazer os dois termos significarem de modos diferentes. Na linha 14, a qualificação direta dos sujeitos desse ato como “cara de pau” e o ato de fala seguinte – “L/ você sabe que essa história me deixa mais irritada ainda/” – explicam o enunciado de emoção inicial: trata-se principalmente de irritação diante das insistentes estratégias. A perplexidade descrita tem um acento avaliativo negativo. No entanto, como a diferenciação progressiva e o traço avaliativo apreciativo foram definidos pelos objetivos do discurso e no interior mesmo da interação verbal, não criaram nenhum tipo de incongruência por causa da sinonímia existente entre os termos lexicais.

O que ocorre na construção do enunciado de emoção analisado é um típico trabalho do sujeito sobre a linguagem com o objetivo de provocar no interlocutor compreensão específica. Pensando numa possível correspondência do linguístico com os objetivos do discurso, o adequado seria pôr no lugar de “perplexo” o termo “espanto”, que estabeleceria força semântica maior para o discurso. Entretanto, o termo “espanto”, nas práticas languageiras cotidianas, pressupõe também o medo. No contexto das interações em sala de aula, não há o objetivo de dizer que as ações do aluno provocam medo ou susto; isso tocaria na representação sobre o modo de ser do professor. Dizer-se perplexa retorna para o outro uma avaliação negativa, mas que não compromete a posição do enunciador. O trabalho sobre a língua visando à construção de si e de sentidos afetivos geram certa novidade que impede classificações rígidas sobre o léxico das afetividades. Embora os termos “surpresa” e “perplexo” pertençam ao campo semântico mais amplo das emoções, são os usos que orientam os traços específicos das significações no interior de um determinado discurso.

O sentido afetivo dos diminutivos

A repetição constante dos diminutivos nas interações em sala de aula geralmente é vista como formas mecânicas de o professor responder ao alu-

no. Para um interlocutor exterior que não se detenha no todo discursivo, não há dúvidas que são repetitivas e banalizadas. Porém, se considerarmos que os usos de tais recursos linguísticos são característicos dessa fase de escolarização (desaparecem ou perdem a intensidade nas demais fases), pode-se concluir que seus sentidos estão ligados às pequenas táticas próprias da sala de aula. Em outras palavras, tanto professor como aluno reconhecem e legitimam seu funcionamento e, conseqüentemente, o uso cotidiano os ressignifica conforme o movimento do discurso. Assim, de acordo com Auchlin (2000), a compreensão dos seus sentidos não depende de representação conceitual, mas da experiencição, mais ou menos direta, mais ou menos composta, do que podemos fazer delas em um contexto específico de discurso. Os seus sentidos estão ligados ao contexto das interações, aos objetivos do discurso e, ao serem enunciados, têm os sentidos construídos por meio da inter-relação entre discurso verbal e elementos extraverbais, conforme pode ser verificado na seqüência retirada de aula numa quarta série:

A1EF4S

- [...]
- 85 A1 **o seu palhaço é feio=**
- 86 A2 **=ti:::a ele tá me chamando de fé::ia**
- 87 (*inaudível*)
- 88 P já vai minha querida(.) não desperdicem
- 89 cola (...) gente/o material é pra ser
- 90 usado mais de uma vez por isso vocês
- 91 precisam ser cuidadosos(...)C/ você não
- 92 pode ficar tratando mal a M (...) gente/
- 93 pode ficar cada um no seu lugar
- 94 A3 que cor eu pinto o olho//=
- 95 P =por que você está choran:::do// o que foi
- 96 que aconteceu::://
- 97 A2 ele tá xingando o meu palha::ço e não—nã—
- 98 nã—não gosto
- 99 P C/ eu já não disse pra você não ficar
- 100 implicando com a **coleguinha/** (.) isso é
- 101 muito feio e papai do céu não
- 102 gosta(.)**o::h minha linda/**vem sentar aqui
- 103 **perti::nho** da tia (.) bem perto da mesa da
- 104 tia (...) I::SSO\ agora faz o seu

105 **trabalhinho** faz ((a aluna para de chorar e retoma
a
106 atividade))
[...]

Diante do choro, que materializa uma emoção, a professora procura construir um discurso para solucionar a polêmica e restabelecer a execução da atividade (construir um palhaço). Para tanto, usa abundantemente os diminutivos. Se acompanharmos o movimento do discurso, vemos que é por meio deles que regula as ações entre os interlocutores, criando uma situação favorável para que um pare de chorar e sem pôr o outro também em posição de descontentamento. O alvo da crítica (85 e 86) era o palhaço e não a aluna. Esta, porém, faz uma interpretação por analogia e confunde proprietário com propriedade, o que permite a conclusão de que ela está sendo caracterizada de feia. A intervenção da professora começa, por se tratar de um discurso dirigido a crianças, com a definição da aluna ofendida por “coleguinha”, o que (re) estabelece a igualdade entre os dois não só no que se refere ao tamanho físico, mas, sobretudo, quanto à necessidade de serem companheiros. A definição diminutiva, seguida da afirmação carregada de valor moral religioso, busca ensinar que o desrespeito ao igual desagrade a um ente maior. O pequeno lugar atribuído pelo termo “coleguinha” também é atribuído indiretamente ao autor da crítica que, pela expressão “isso é muito feio e papai do céu não gosta/(.)”, é figurativizado como pequeno, igual à coleguinha ofendida. O termo “papai do céu”, nas interações cotidianas, é comumente usado pelas mães.

A partir da linha 102, o discurso ganha um tom afetivo, revelando, pelo uso dos termos “minha linda” e “pertinho”, um trabalho discursivo para incidir sobre a imagem que a aluna criou de si (daí o choro), ou na imagem dada pelo outro sobre sua produção. O choro pressupõe descontentamento e tristeza conforme atesta a própria resposta: “ele tá xingando o meu palha::co” e “não–nã–nã–não gosto”. O adjetivo “linda”, se considerada a situação de enunciação, segundo Kerbrat-Orecchioni (2002), tem valor axiológico subjetivo, mas também pode se desdobrar em adjetivo de valor afetivo. Para que responda a segunda condição, é necessário que enuncie, ao mesmo tempo, uma propriedade do objeto ou do sujeito e uma reação afetiva do sujeito falante. A expressão adjetiva “minha linda” particulariza a aluna na relação entre interlocutores. Entretanto, seu valor afetivo não se constrói isoladamen-

te, mas na relação com o todo do enunciado: “O::h minha linda vem sentar pertinho da tia”. A expressão adjetiva e o advérbio de lugar no diminutivo não só retornam à aluna um tom afetivo apreciativo, mas também criam a ideia de pertencimento (marcado, sobretudo, pelo possessivo *minha*) e de proteção (diminutivo *pertinho*).

Por ser uma resposta maternal ao sofrimento da aluna, o termo “o::h minha linda” passa a ser a definição para a criança que chora porque teve o seu trabalho considerado feio. É uma resposta à sensibilidade que motivou o choro mais que referência à beleza física. Assim, no pedido para que a aluna sente “pertinho”, tem-se uma resposta afetiva (poderíamos falar de uma espécie de reação afetiva ao choro) que objetiva diminuir o sofrimento pela oferta de uma espécie de recompensa: a proteção e o aconchego da proximidade. É a partir do valor que essa imagem tem para o mundo infantil que a professora organiza o seu discurso, define o tom para se dirigir à aluna. E, por fim, o termo “trabalhinho” recria outro lugar para o trabalho nesse pequeno universo.

Os argumentos com diminutivos têm duplo valor: podem conotar sentidos de afetividades e de ironias. São também um recurso para ridicularizar o que seria para o locutor uma infantilização ou inadequação do interlocutor. No Ensino Médio e na Universidade, aparecem em discursos que criticam, reprovam as ações e, por isso, atribuem um pequeno lugar ao interlocutor resultante da interpretação de que seu gesto é medíocre. Entre adultos e crianças, outros são os sentidos. Os argumentos fundados em palavras no diminutivo figurativizam um mundo condizente com a posição do interlocutor e, por isso, não provoca estranhamento à criança. Ao contrário, alimenta as interações com pequenas demonstrações de cuidados, carinho e incentivo, tornando próximos os interlocutores, uma vez que, nas palavras de Rimé (2005, p. 120), “as crianças são mais sensíveis ao contágio que os adultos”.⁵

As mudanças e os acréscimos de sentidos ocorridos nas pequenas palavras e diminutivos estão diretamente vinculados à orientação apreciativa das enunciações. Esse excedente que transforma os termos linguísticos pode ser apreendido no interior das enunciações vivas, pois tal alargamento se constrói com base nos valores e aspectos da existência humana que se tornaram objetos da fala e da emoção humana, e são integrados no horizonte social

5 “les enfants sont plus sensibles à la contagion que les adultes”.

de um determinado grupo de sujeitos em constante interação. A compreensão dos sentidos patêmicos dos diminutivos, assim como os efeitos de sentidos considerados cognitivos, pragmáticos e axiológicos, dependem da consideração das circunstâncias nas quais aparecem. As palavras utilizadas por um falante vêm carregadas com as informações que a situação de discurso passa de forma objetiva para o material semântico, e que apenas as reconhecem os sujeitos envolvidos no contexto de produção. Em suma, banalidade do uso dos diminutivos no cotidiano não impõe a banalização dos seus sentidos semânticos e, exatamente por isso, em cada situação de uso surge a remissão a novos temas. No contexto da sala de aula do EF, tendo em vista a posição dos interlocutores, passam a ter valor de retornos afetivos, pois o professor, no sentido retórico do termo, os insere no seu discurso com o objetivo de tocar e convencer para ensinar.

Fechando o parêntese: a construção dos sentidos afetivos

Considerar as especificidades dos atos nos obriga a analisar a linguagem abrindo mão da máquina estrutural que transforma os acontecimentos em abstrações estáveis. Pela perspectiva de Bakhtin, não há como falar na construção de um sistema que garanta a existência estável de um campo semântico das emoções. Os termos linguísticos por si sós, nas condições de discurso, não garantem a construção dos sentidos, afetivos ou não, porque o uso da linguagem, o “falar depende não só de um saber prévio de recursos expressivos disponíveis mas de operações de construção de sentidos destas expressões no próprio momento da interlocução” (GERALDI, 1991, p. 9). Pode-se dizer que os signos de cunho afetivo apresentam um potencial semântico próprio da língua, mas a consideração do contexto concreto de sua realização é fundamental para sua definição. O processo de (re)atualização dos sentidos ou de um signo linguístico nas interações assume função primordial para qualquer estudo que se debruce sobre a constituição do afetivo como elemento de linguagem pois, ainda segundo Geraldi, é a *dinâmica do trabalho* linguístico que é relevante.

Os elementos linguísticos que apareceram nos discursos de professores e alunos podem ser definidos como índices de contextualização do discurso de emoção, uma vez que é pela combinação de diferentes elementos (entonação, recursos linguísticos, razão das produções do discurso) que se

realiza o investimento afetivo em termos discursivos. Entre esses elementos, estão as repetições, os discursos diretos (com finalidade de narrar os estados afetivos), os nomes e adjetivos pertencentes (em termos de significação no sentido bakhtiniano) ao campo semântico das afetividades. Entretanto estes não são formas especializadas de comunicação afetiva, muito menos de uma emoção específica. O efeito de sentido pode ser obtido pelo emprego de algumas palavras, mas também por meio daquelas que não remetem ao campo semântico das afetividades. Em várias situações de interação, os sentidos foram construídos pelo uso de elementos linguísticos diretos, na medida em que as palavras trazem, elas mesmas, uma significação afetiva, ou também por termos indiretos.

A semântica desse tipo de discurso é subversiva, escapa ao controle porque não está submetida a uma lógica racional interna, e sim ao que é próprio do sujeito. Tal situação é bem sintetizada pelas conclusões que Charau-deau apresenta quando afirma que:

- a) Existem palavras que descrevem de modo transparente emoções como “cólera”, “angústia”, “horror”, “indignação”, etc., mas sua aparição não significa que o sujeito que as emprega as sinta como emoção (problema da autenticidade), nem que produzirão um efeito patêmico no interlocutor (problema de causalidade). Às vezes, temos o fenômeno curioso de despatemização quando essas palavras são empregadas com demasiada insistência como faz a mídia (parece se produzir, então, uma interrupção meta-enunciativa).
- b) Existem palavras que não descrevem emoções, mas são uma espécie de bons candidatos ao seu desencadeamento: “assassinato”, “conspiração”, “vítimas”, “manifestação”, “assassino”, por exemplo, são suscetíveis de nos conduzir a um universo patêmico. Sim, mas qual? Não é a mesma coisa quando falamos de uma manifestação silenciosa (expressão de dor e de indignação) como aquela da marcha branca dos Belgas a propósito do processo de Dutroux, aquela das mulheres da Praça de Maio na Argentina ou a dos espanhóis contra o ETA; ou quando falamos de uma manifestação agitada, e mesmo violenta (expressão de desespero e reivindicação), como ocorre na África e ou no Oriente Médio. Esse universo também não será o mesmo quando sei que a vítima de um acidente aéreo é uma “velha dama”, “meu patrão”, “um banqueiro riquíssimo”; dito de outra maneira, como demonstra a teoria dos topoi (Ducrot), a orientação argumentativa (aqui diremos patêmica) de uma palavra pode mudar, ou mesmo inverter-se, de acordo com seu contexto e, eu diria, sua situação de uso.
- c) Enfim, conforme já dito, existem enunciados que não apresentam palavras patêmicas se não tivermos conhecimento da situação de enunciação: “basta!” “gritam as vítimas do enésimo bombardeio da sua cidade”; “Meu filho era puro, inocente”, diz

um pai debruçado sobre um túmulo no momento em que era entrevistado em uma reportagem na Bósnia; “Um dia comum em Sarajevo”, diz um jornalista na televisão, mostrando as imagens do último bombardeio que acaba de acontecer na cidade. Esses três tipos de problema lembram que a construção discursiva do sentido como aposta de efeitos intencionais visados depende das inferências que podem produzir os participantes do ato de comunicação e essas inferências dependem do conhecimento que podem ter da situação de enunciação (2000, p. 139-140).⁶

Das conclusões de Charaudeau (2000) é possível derivar que os elementos linguísticos que formam os enunciados e discurso de emoção não são adquiridos em um dicionário. Afirmção óbvia, mas que parece ser constantemente esquecida pelos linguistas que tratam do tema. Se o discursivizar das emoções fosse mero ato de apropriação de um sistema de expressões e termos

6 “a) il est des mots qui décrivent de façon transparente des émotions comme “colère”, “angoisse”, “horreur”, “indignation”, etc., mais leur apparition ne signifie pas que le sujet que les emploie les ressent comme des émotions (problème d’authenticité), ni que ils produiront un effet pathémique auprès de l’interlocuteur (problème de causalité). Parfois on a même affaire à ce phénomène curieux de despathémisation lorsque ces mots sont employés avec trop d’insistance, como le font les médias (il semble se produire alors un décrochage méta-énonciatif);

b) Il est des mots qui ne décrivent pas des émotions mais sont comme sortes des bons candidats à leur déclenchement : “assassinat”, “complot”, “victimes”, “manifestation”, “tueur” par exemple, sont susceptibles de nous entraîner dans un univers pathémique. Oui mais lequel ? Il ne sera pas le même selon que l’on parle d’une manifestation silencieuse (expression de la douleur et d’indignation), comme celle de la marche blanche des Belges à propos de l’affaire Dutroux, celle des femmes de la place de mai en Argentine ou celle des espagnols contre l’ETA, ou que l’on parle d’une ‘manifestation agitée’, voire violente (expression du désespoir et de revendication), comme en Afrique ou au Moyen Orient. Cet univers ne sera pas non plus le même selon que j’apprends que la victime d’un vol est une ‘vieille dame’, ‘mon patron’, un ‘banquier riche’, ou que la autrement dit, comme le montre la théorie des topoï (Ducrot), l’orientation argumentative (ici nous dirons pathémique) d’un mot peut changer, voire s’inverser, selon son contexte et, ajouterai-je, sa situation, sa situation d’emploi ;

c) enfin, comme on l’a déjà dit, il est des énoncés qui ne comportent pas de mots pathémiques dès lors que l’on a connaissance de la situation d’énonciation : ‘Assez !’ crient des gens victimes du énième bombardement de leur ville ; ‘Mon fils était un pur, un innocent’ dit un père penché sur une tombe et interviewé lors d’un reportage en Bosnie ; ‘Un jour ordinaire Sarajevo’ dit un journaliste à la télévision en montrant les images du dernier bombardement qui vient de se produire dans cette ville. Ces trois types de problèmes rappellent que la construction discursive du sens comme mise en œuvre d’effets intentionnels visés dépend des inférences que peuvent produire les partenaires de l’acte de communication et que ces inférences dépendent elles-mêmes de la connaissance que ces partenaires peuvent avoir de la situation d’énonciation” (p. 139-140).

prontos, não haveria por que falar em construção de sentidos. Muito menos haveria razão para apontar a importância da historicidade na constituição do sujeito e da linguagem, pois tanto a semântica das palavras como os próprios atos que tais palavras constituem teriam sempre o mesmo sentido.

É na diferenciação feita por Bakhtin (1995 [1929a]) entre *tema* e *significação* (um dos momentos em que trabalha para romper a oposição entre a significação estável e os sentidos vindos da realidade transitória) que se podem encontrar elementos para explicar a construção de sentidos do discurso afetivo, pois se trata de algo que não está na língua nem no sujeito, mas na inter-relação deste com o contexto constitutivo do discurso. Na distinção feita pelo autor, a *significação* é a parte estável da língua, mas por si só não responde pelos sentidos das enunciações. É a capacidade potencial de construir sentidos, algo próprio dos signos linguísticos. Inegavelmente existem termos linguísticos que comportam com mais clareza a significação afetiva (alegria, tristeza, medo etc.), porém é na situação histórica e concreta de realização da enunciação que os sentidos efetivamente se constroem.

Nas situações concretas e vivenciais, aquele que fala serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas e, por isso, o centro de gravidade, para ele, não está na conformação da norma ou na utilização de um recurso linguístico específico, mas no novo sentido que cada forma pode adquirir no contexto da enunciação. O que importa para um interlocutor que está alegre ou triste necessariamente não é o uso de tais signos linguísticos, mas aquilo que permite que as palavras usadas o figurativizem para seu interlocutor como um sujeito triste ou alegre. No mundo das práticas efetivas, não há separação entre as abstrações conceituais e o próprio ato vivido. Um constitui o outro e daí a dificuldade de estabelecer um grande espectro de termos lexicais e elementos ou torneios sintáticos que remetam ao universo das afetividades de modo abstrato e limpo. O aprendizado do sentir e discursivizar as afetividades se dá pelos mesmos caminhos com que aprendemos a nos mover em determinada língua.

O sentido dos enunciados e palavras afetivas se constitui pela realização do *tema* da enunciação, que é único e irrepetível. A significação da palavra “tristeza”, por exemplo, está garantida pelo conjunto histórico de valores de uma sociedade, mas a efetiva condição de termo linguístico expressivo da emoção tristeza vai ocorrer em um contexto histórico e concreto. Os sentidos

afetivos não estão na língua, porém, sua constituição resulta da interação entre interlocutores inseridos nos universos de linguagem. Somente se realizam no processo de compreensão responsivo.

As valorações são constitutivas dos sentidos dos termos linguísticos afetivos. Em outras palavras, a língua afetiva ganha sentido pelo valor inerente a todo ato humano. Nos casos dos usos dos diminutivos e pequenas expressões linguísticas, a mudança ou acréscimo de significação estava centralmente organizada em torno da apreciação. Para Bakhtin (1995 [1929a]), não há palavra cujo sentido se realize sem os valores apreciativos, que, de fato, são os responsáveis pelos deslocamentos semânticos. Como já assinalado, a palavra em uso está sempre relacionada à vida e esta ganha materialidade nas entonações resultantes de valores atribuídos ou agregados pelo que é dito por cada locutor. Ao dar vida à palavra com sua entonação, o sujeito dialoga diretamente com os valores de sua comunidade, expressando seu ponto de vista em relação a esses valores.

Assim, os sentidos dos termos e enunciados de emoção não são adendos conotativos juntados pela ação do falante à significação denotativa. Aliás, Bakhtin rejeita tal dicotomia porque ela separa, impõe hierarquias naquilo que não está separado ou hierarquizado. Isto é, separa sentido e signo linguístico quando o signo é sempre pluriacentuado. Defender a existência de uma semântica universal das afetividades é, antes de tudo, buscar construir garantias no código, o que, devido às condições de uso, é uma impossibilidade, pois o conotativo e o denotativo existem no sistema abstrato da língua. Nas situações de uso, os sentidos nascem da “luta incessante dos acentos em cada área semântica da existência” (BAKHTIN, 1995 [1929a], p. 136).

Os sentidos afetivos são irreduzíveis às relações concreto-semânticas ou às relações lógicas, que por si mesmas carecem de momentos dialógicos. Pode-se até trabalhar definições lógicas ou concretas dos termos linguísticos de emoção, mas enquanto tais eles não discutem entre si ou promovem encontros que possibilitem o nascimento do discurso de emoção. Para se tornarem significativas, “as relações lógicas e concreto-semânticas devem, como já dissemos, materializar-se; ou seja, devem passar a outro campo da existência, devem tornar-se discurso, ou seja, enunciado e ganhar autor, criador de dado enunciado cuja posição ele expressa” (BAKHTIN, 1997 [1929b], p. 184).

Considerações finais

Pelo exposto, pode-se concluir que a linguagem afetiva se constitui a partir de procedimentos linguísticos complexos e, para compreender seu funcionamento, é necessário combinar diferentes meios linguísticos e extralinguísticos. Para Drescher, a construção dos sentidos emotivos depende, com certa variação, da consideração de pelo menos quatro aspectos semântico-comunicativos: “[...] a subjetivação, a intensificação, a visualização e a avaliação” (2003, p.162).⁷

Juntos formam o todo que permite definir o caráter afetivo da linguagem. Porém, segundo a autora, os diferentes estudos que tratam da face semântica do afetivo não conseguem oferecer respostas consistentes para o entrelaçamento desses quatro elementos. Caminhando no mesmo sentido, penso que não há avanços nas discussões promovidas pelos linguistas que tratam da questão porque ou os sentidos afetivos são postos como somente pertencentes ao campo das relações fora da linguagem, ou são postos como estritamente pertencentes à língua. Nas duas situações, apagam-se as tensões entre *tema e significação*.

Entretanto, ainda muito colada às teorias comunicativas, Drescher define os quatro aspectos considerando as intervenções de uma psique individualizada na construção dos sentidos de cunho afetivo. Assim, assumo seus postulados de que os quatro elementos acima são fundamentais à identificação da dimensão linguística dos termos ou enunciados de emoção (e, sobretudo, sobre o que seja um discurso impregnado de sentidos afetivos), mas penso ser necessário (re)definilos à luz das discussões que Bakhtin (1995 [1929a]) faz entre *tema e significação* e, conseqüentemente, entre *verbal e extraverbal*. Aliás, os quatro aspectos elencados por Drescher estão contidos nas três questões utilizadas por Bakhtin para explicitar como se efetiva o diálogo entre o *verbal* e o *extraverbal* na construção da linguagem, a saber: 1) “o horizonte espacial comum entre os interlocutores”; 2) “o conhecimento e a compreensão compartilhada entre os interlocutores de um determinado discurso”; 3) “a avaliação comum que fazem da situação em que se dá a produção do enunciado” (1976 [1926], p. 4).

O autor defende que o diálogo entre o *verbal* e o *extraverbal*, conforme demonstrado no tópico anterior, não pode ser reduzido a relações lógicas,

7 “[...] la subjectivisation, l’intensification, la visualisation et l’évaluation”.

linguísticas, psicológicas ou naturais. São relações específicas, próprias dos acontecimentos de linguagem e, por isso, se estabelecem entre enunciados ou mesmo no interior dos enunciados. No interior dessa inter-relação, constroem-se os índices de valores, uma vez que não são meras interligações entre enunciados, e sim interações complexas entre sujeitos por meio da linguagem. Por essa concepção, as avaliações e julgamentos de valores são centrais na constituição do linguístico. O tom e o valor elevam o ato de linguagem à condição de evento único. Em síntese, a semântica do linguístico de cunho afetivo engloba, pressupõe:

1) A *subjetividade* ou *subjetivação*: é um dos elementos que permite ao sujeito trazer para a linguagem seu traço de singularidade. É o que adiciona à palavra, ao enunciado, a coloração nova que faz do tema um acontecimento irrepetível. Como a concepção de subjetivo adotada tem bases fincadas no social, o modo como vemos, sentimos, amamos é construído pela mediação da palavra do outro. Ou seja, nossos perceptos e afetos compõem a reunião entre elementos linguísticos e a parte presumida de um enunciado. O presumido pode ser flagrado, nos discursos analisados, por exemplo, nos modos de cada professor agenciar um acontecimento como a insubordinação de um aluno. Existem os que chamam a coordenação da escola para retirá-lo da sala; existem os que gritam e assumem também uma posição de insubordinação; existem os que se põem a resolver a situação por meio do discurso, assumindo a posição de alteridade que resiste ao outro porque tem lugar delineado e único nos acontecimentos de sala de aula. Todas as possibilidades são legítimas dentro do “ser professor”. A opção por uma ou outra é o que denuncia a interpretação única que cada um faz sobre esse ser para si. Nessas situações, o componente afetivo surge como um índice legítimo da presença e do trabalho do sujeito na linguagem. Trabalho esse que se organiza baseado nas representações (que se traduzem em entonações emotivo-volitivas) que têm de si e do outro e não um componente obscuro que invade a linguagem, turvando sua clareza.

2) A *entonação* ou *intensificação*: segundo Bakhtin (1995 [1929a]), é o nível mais óbvio na constituição e identificação dos acentos avaliativos. No nível enunciativo, a entonação reforça a veracidade do enunciado, pois é dada ao interlocutor como ponto de partida para compreender o que lhe está sendo dito, personificando, portanto, o enunciado. É algo que não se reduz ao movimento da voz, ainda que a englobe, mas é o lugar da memória, dos tons que cada sujeito passa a propor para si com base na imagem social do

lugar que ocupa. Uma mãe que busca acalantar um filho fala ou canta em tom baixo e lento. A professora do Ensino Fundamental que tenta ajudar o aluno a construir uma atividade usa tom semelhante ao da mãe que fala ao filho. A entonação reflete a relação do sujeito com o meio social ao qual pertence. A professora apresenta memória desse lugar impregnada de tons que se confundem com o lugar da professora, da mãe, da tia. Esses múltiplos tons se constituem pelas similaridades com aqueles devido às próprias atribuições do ser professora nessa etapa de escolarização. Não imaginamos a leitura do A B C para alunos das séries iniciais feita de forma extremamente rápida. Temos uma memória, e a professora também a tem, que adota um ritmo cadente para ler. A entonação pode ser flagrada na escolha e disposição do material verbal. Isso explica por que as pequenas palavras, conforme apontadas nas análises, nem sempre reconhecidas como pertencentes ao universo das emoções, ganham carga de sentidos afetivos quando inseridas no conjunto do discurso de professores e alunos. Sua significação se constitui pelo tom cadente e, sobretudo, porque inserido em práticas discursivas voltadas a um interlocutor ainda criança. Também encontramos entonação pelas valorações feitas por meio da linguagem, pois “quase todo exemplo de entoação viva na fala concreta emocionalmente carregada se processa como se ela se endereçasse, por trás de objetos e fenômenos inanimados, a participantes animados e agente na vida” (BAKHTIN, 1976 [1926], p. 7). Em suma, a entonação modifica as significações, as transforma em sentidos concretos, de maneira tal que os signos linguísticos passam a ser sempre outros.

3) *A visualização* ou *a unidade do visível*: no caso das interações verbais, é o elemento resultante do excedente de visão, da posição isotópica ocupada pelo locutor. Do lugar que ocupa, que jamais pode ser ocupado pelo interlocutor para falar de si, o locutor tem acesso ao corpo do outro, aos seus gestos e ao mundo em que aquele está inserido. O excedente de visão lhe permite construir representações, leituras e interpretações sobre os movimentos mais ínfimos do outro. Permite, portanto, um trabalho com a finalidade de produzir efeitos de proximidade, de presença e de participação. O professor que percebe a desatenção do aluno aproxima-se, por exemplo, implicando-o, citando-o diretamente, para (re)capturar sua atenção. A constante movimentação do auditório, geralmente, é interpretada como sinais de cansaço dos interlocutores. A partir disso, o locutor opta por falar de forma mais lenta, mais enfática, pode pôr em pauta questões que imagina serem de interesse dos

seus ouvintes, fazer referência irônica (usando recursos linguísticos específicos) à dispersão do interlocutor. É do conjunto visto e sabido que se constrói o enunciado. São ações que não têm articulações específicas no verbal, mas orientam a construção dos sentidos e direcionam o enunciado. Dão forma significativa a sua dimensão linguística.

4) A *dimensão avaliativa*: os três elementos elencados acima, direta ou indiretamente, são formas de avaliação ou materializam acentos avaliativos. Não é possível a existência de enunciação sem modalidade apreciativa. Os estudos ligados à filosofia da linguagem já há muito apontam a relação entre emoções e avaliação, mas negando causalidade entre elas: isto é, as emoções não nascem de avaliações precedentes. Ao contrário, os acentos avaliativos são saturados de afetividades. Estas, construídas no diálogo linguageiro do sujeito com o seu entorno. Por meio desse diálogo ocorrem as mudanças dos sentidos, resultado das avaliações, reavaliações e deslocamentos das palavras de um contexto apreciativo para o outro. Não há discurso, enunciados ou palavras cuja significação seja construída sem acento avaliativo. Bakhtin é contundente: “Sem acento apreciativo, não há palavra (1929, p. 132)”. Morin o complementa: “os valores só são valores saturados de afetividade”. Assim, “nossa realidade [inclusive a linguística] é uma co-criação em que a afetividade entra com a sua parte” (2002, p. 122).

Optar por uma análise dos elementos linguísticos entrelaçados pelos recursos expressivos, conforme realizado neste estudo, significa considerar a linguagem afetiva como acontecimento: algo que se organiza em torno da tensão criada sempre entre o locutor e o interlocutor e destes com a própria língua. O que nasce do encontro é acontecimento porque não é determinado pela rigidez do sistema nem pela soberania do sujeito. Aliás, a tensão nasce exatamente porque há indeterminação. O discurso é um espaço sem garantias rígidas e por isso é necessário o trabalho, o que obriga o sujeito a trabalhar com e sobre a linguagem para dar conta de um projeto de dizer.

Assumir esse postulado não significa defender que o plano do signo linguístico não é relevante para compreender os sentidos do discurso de emoção, mas assumir que sua semântica não pode ser construída sem comportar necessariamente duas dimensões em estreita correlação: a significação dada pela estrutura (aquilo que é sempre igual) e os sentidos dados pela enunciação (aquilo que é mutável e/ou adaptável) - ou seja, é necessário assumir que o *mesmo* (o linguístico) pode ser sempre outro (por isso, a palavra é signo por

excelência) quando os sujeitos fazem uso da língua. Segundo Geraldi (2004), isso traz tranquilidade àqueles que estão acostumados a sempre apostar nas estabilidades dos sistemas com a finalidade de reter os sentidos dos enunciados como algo que pode ser rigorosamente recuperável. Porém, apostar nas instabilidades dos sentidos, não fechá-los em sistemas, no que tange ao discurso de emoção, pode ser uma alternativa para rompermos a oposição entre sentido e fato, entre o universal e o individual, entre a língua e a linguagem.

VIEIRA BARBOSA, Marinalva. Linguistic and semantic aspects of the emotions in discourses. *Revista do Gel*. São Paulo, v. 6, n. 2, p. 104-124, 2009.

ABSTRACT: *This article aims at analyzing some aspects that constitute the problem of placing emotions as the core interest of language's studies. Specifically, I will focus on the circumscription of the "pathémique" universe and of the linguistic traces of emotions. The study is based on discourses of teachers and students from Primary and High School. The theoretical base derives from the conceptions of subject and language defended by Bakhtin (1976 [1926], 1995 [1929a] e 1997 [1929b]) and by studies developed for Plantin (2003; 2004) and Plantin et al (2000).*

KEYWORDS: *Discourse. Meanings. Emotions.*

Referências

AMOSSY, R. **L'argumentation dans le discours**. Paris: Armand Colin, 2006.

AUCLIN, A. Grain fin et rendu émotionnel subtil dans l'observation des interactions. In: PLANTIN, C.; DOURY, M.; TRAVERSSO, V. (Orgs.). **Les émotions dans les interactions**. Lyon: PUF, 2000. p. 195-204.

BAKHTIN, M. **Discurso na vida e discurso na arte**. Trad. inédita de Cristovão Tezza do artigo "Discourse in Life and Discourse in Art", publicado como apêndice in: VOLOSHINOV, V.N. *Freudianism: a marxist critique*. New York: Academic Press, 1976. [1926].

_____. (VOLOSHINOV) **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1995 [1929a].

_____. **Problemas da poética de Dostoievski**. 2. ed. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense, 1997 [1929b].

BOUCHARD, R. M'enfin!!! Des 'petits' pour les 'petites emotions'? In: PLANTIN, C.; DOURY, M.; TRAVERSSO, V. (Orgs.) **Les émotions dans les interactions**. Lyon: PUF, 2000. p. 223-238.

CHARAUDEAU, P. Une problématisation discursive de l'émotion. In: PLANTIN, C.; DOURY, M.; TRAVERSSO, V. (Orgs.). **Les émotions dans les interactions**. Lyon: PUF, 2000. p. 125-156.

DUCROT, O. **Le dire et le dit**. Paris: Editions Minuit, 1984.

DRESCHER, M. La dimension interactive de l'investissement affectif. In: COLLETTA, J.M.; TCHERKASSOF, A. (Orgs.). **Les émotions: cognition, langage et développement**. Paris : Mardaga, 2003. p. 165-172.

EGGS, E. Logos, ethos, pathos: l'actualité de la rhétorique des passions chez Aristote. In: PLANTIN, C.; DOURY, M.; TRAVERSSO, V. (Orgs.). **Les émotions dans les interactions**. Lyon: PUF, 2000. p. 15-32.

ENGELMANN, A. **Os estados subjetivos: uma tentativa de classificação de seus relatos verbais**. São Paulo: Ática, 1978.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. **A aula como acontecimento**. Aveiro: Theoria Poiesis Práxis, 2004.

GINZBURG, C. **Mitos emblemas sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **L'énonciation**. Paris: A. Colin, 2002.

MORIN, E. **O método 5: a humanidade da humanidade/a identidade humana**. Tradução Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2002.

PLANTIN, C. Sans démonstrer ni (s)émouvoir. In: MEYER, M. (Org.). **Perelman: le renouveau de la rhétorique**. Paris: PUF, 2004. p. 65-80.

_____. Structures verbales de l'émotion parlée et de la parole émue. In: COLLETTA, J.M.; TCHERKASSOF, A. (Orgs.). **Les émotions: cognition, langage et développement**. Paris: Mardaga, 2003. p. 97-130.

PLANTIN, C.; DOURY, M. ; TRAVERSSO, V. (Orgs.). **Les émotions dans les interactions**. Lyon: PUF, 2000.

RIMÉ, B. **Le partage social des émotions**. Paris: PUF, 2005.